N.º 9 — 14 de Abril de 1915

A IDEIA NACIONAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

Na quarta-feira, 21 do
corrente a "Ideia Nacional„ começará a publicar:

Banditismo politico

A Anarchia em Portugal

POR

HOMEM CHRISTO

Homem Christo, director d'"O Povo de Aveiro„, infamemente perseguido pela demagogia triumphante que elle fulminàra como ninguem, condemnado a seis annos de prisão maior cellular seguidos de dez de degredo em Africa pelo unico crime de não ter querido atraiçoar o seu dever de bom portuguez, que era protestar contra a infame tyrannia republicana, proscripto em seguida por dez annos, como Paiva Couceiro e Azevedo Coutinho, sem que todavia tivesse tomado parte em qualquer tentativa de Restauração monarchica, Homem Christo publicou no exilio uma obra formidavel, obra de pamphletario e de doutrinario ao mesmo tempo, o documento mais terrivel que até hoje tem apparecido contra a Republica e os republicanos, contendo dados preciosos sobre o passado dos demagogos e a sua attitude presente, os seus crimes, os seus roubos, as suas traições, emfim, como dizia o actual redactor politico d'"A Noticia„ a TORRE DO TOMBO DA POUCA VERGONHA REPUBLICANA.

Quatro mil exemplares d'esse livro, intitulado BANDITISMO POLITICO, foram roubados no Brasil por Bernardino Machado, que então ali exercia as funcções de Ministro da Republica Portugueza e enviados para o Porto onde o governo de então os apprehendeu, commettendo assim mais um villissimo attentado contra a liberdade de pensamento.

E' esse livro, é o BANDITISMO POLITICO que a "A Ideia Nacional„ começará a publicar na proxima QUARTA-FEIRA 21 DO CORRENTE.

Summario dos numeros anteriores

N.º 9 14 de Abril de 1915 ANNO I.º

A IDEIA NACIONAL

REVISTA POLITICA BI-SEMANAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

SUMMARIO

EDITOR-ADMINISTRADOR: Antonio Rocha. Propriedade de Homem Christo Filho. Redacção, administração e officinas de comp. e imp. Rua de Arnellas — AVEIRO. Escriptorio em Lisboa — R. da Emenda, 30.

Escrevem n'A IDEIA NACIONAL:

Ramalho Ortigão
Conselheiro Ayres de Ornellas
Homem Christo (CARTAS DE LONGE)
Conselheiro Luiz de Magalhães
Lord Henry (PHILOSOPHIA POLITICA)
Conselheiro José de Azevedo Castello Branco
João do Amaral (O MEU DIARIO)
Conde de Sabugosa
Lourenço Cayolla (QUESTÕES COLONIAES)
Antonio Emilio d'Almeida Azevedo
Rocha Martins
Conselheiro Anselmo Vieira (QUESTÕES FINANCEIRAS)
Alberto Pinheiro Torres (QUESTÕES RELIGIOSAS)
G. Jean Aubry (QUESTÕES ESTRANGEIRAS)
Victor Falcão (NOTAS POLITICAS)
Etc., etc.

Toda a correspondencia relativa a esta Revista deve ser dirigida ao DIRECTOR.
Cada exemp. d'A IDEIA NACIONAL custa 50 reis.

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DO MULATO JOÃO CHAGAS

III

O PASSADO

O mulato continua a conspirar furiosamente.

Nós já mostrámos quem elle é, já historiámos as suas recentes aventuras. Hoje vamos relembrar o seu passado. E para isso recorremos a quem, com mais talento e auctoridade do que nós, já traçou a sua curiosissima biographia.

As passagens que se seguem veem publicadas no *Banditismo Politico,* de Homem Christo, o mais tremendo libello contra a Republica que até hoje tem apparecido e que, por isso mesmo, o snr. Bernardino Machado roubou, extorquindo no Brazil quatro mil volumes d'essa obra que para alli tinham ido para serem postos á venda, desde que o governo demagogico de então os não deixava circular livremente em Portugal.

Ninguem conhece entre nós o *Banditismo Politico.* O snr. Bernardino Machado julgou que, apoderando-se illicitamente da edição completa, impediria que esse espantoso documento da infamia republicana fosse conhecido do paiz. Enganou-se. *A Ideia Nacional* começará a publicar no seu numero 11, de quarta-feira proxima, o *Banditismo Politico.*

E entretanto ahi vae, contado por Homem Christo, o tenebroso passado do aventureiro mulato:

"Accusaram-nos e accusam-nos de *calumniador.* Nunca deixámos de destruir inteiramente a futil accusação. Chamar calumniador é facil. Provar a calumnia é difficil. E essa prova nunca elles a fizeram.

Ao contrario, n'este livro demonstraremos, e não é esse, por certo, um dos seus aspectos menos interessantes, que nunca lhes dirigimos injuria nem fizemos accusação que elles, previamente e mutuamente, não houvessem trocado... e *confirmado*. Antes de nós os exauctorarmos, já elles se haviam exauctorado uns aos outros.

Se João Chagas era *marquez de Venus*, não sei. Alem de não ser dado a essas heraldicas, nunca lhe vi o brazão. Diziam que sim. E devia ser. Entre uma certa corja *intellectualisada*, passou isso a ser *moda*, *prova d'intellectualidade*, de *bom tom*, de ha trinta annos para cá. O ignobil Santos Cardoso, pelo proprio interesse e officio de *maître chanteur*, era uma especie d'espião dos *maus costumes*. E se inventou muita infamia, é de justiça reconhecer-se que tambem disse algumas verdades.

João Chagas appareceu em scena, pela primeira vez, quando do phantastico attentado contra Gomes Leal, o auctor da *Traição*. Ahi por 1882, Gomes Leal annunciou ao mundo que viajando em carruagem de 1.ª classe fora victima d'um attentado, entre Aveiro e Estarreja. Que especie d'attentado? Contra a vida? Contra o pudor? Nunca se soube. Soube-se apenas que na carruagem ia com elle uma unica pessoa: um rapaz novo, elegante, cheio de juventude e sympathia. Como se chamava esse rapaz? João Chagas, se me não falha a memoria.

Mas elle não accusava o João Chagas *d'auctor*. Nem de victima *d'elle*. Quando menos, o João Chagas fôra victima, *como elle*. Mas victimas de quem? Mas victimas de quê? Não se lhes encontrou desfeito o laço da gravata, nem amarrotada a camisa de gomma, nem os botões das calças arrancados. Affirmavam elles que o attentado havia sido contra a preciosa existencia do auctor da *Traição*. Iam os dois em amena cavaqueira e senão quando se abre a porta e surge um homem de cabelleira revôlta e barba hirsuta. O homem atira-se ao Gomes Leal, o João Chagas atira-se ao homem, trava-se combate desesperado, rolam todos no chão; mas o homem levanta-se d'um salto e d'um salto desapparece... pela portinhola opposta áquella por onde havia entrado.

Signaes de lucta... nenhuns. O corpo do poeta, nedio *e immaculado* como até ahi. Sem costella quebrada e sem anca maguada. A face rubicunda. Sem gallo na testa e sem pisadura no sobrolho. O juvenil rosto do Chagas fresco como uma alface e perfumado como uma rosa. Nem bengalas partidas ou amolgadas, nem chapeus amarrotados, nem vidros despedaçados. Era certo ter-se ouvido um grito de timbre sonoroso, mas grito indefinido, que tanto podia ser de dor como de goso.

O caso, assim mysterioso, foi motivo de grande chuchadeira para os jornaes da epocha, e os dois recolheram-se a bastidores envergonhados. Se é que qualquer d'elles podia ter vergonha!

Correram annos e João Chagas appareceu em 1887, após uma viagem do rei D. Luiz, da rainha D. Maria Pia e de seus filhos ao norte de Portugal, consagrado, e muito menos por adulação a elle do que á côrte, o primeiro reporter da nação. E' de todos conhecido o repugnante servilismo dos abjectos reptis que em Portugal se dizem jornalistas, deante de tudo aquillo que representa o poder. Abjectos na adulação real quando existia a monarchia, como hoje abjectos na adulação republicana. Exaltando a rainha e o rei, como o Affonso Costa e outros bonzos da republica, cada qual segundo a sua capellinha e feição, tão fóra de termo e proporções que até aos mais costumados á hyperbole portugueza causava asco e indignação. Ora nunca ninguem exaltou a familia real como o bandido João Chagas em 1887, com protesto geral das folhas republicanas. E d'ahi os louvores e as consagrações dos outros reptis monarchicos, que por essa forma continuavam na sua adulação á côrte.

Ha, portanto, aqui, dois aspectos do bilontra. Não conheço nem a prosa nem os actos d'elle entre 1882 e 1887. Como disse já, estou escrevendo fóra de Portugal, longe de todas as fontes d'averiguação, confirmação ou negação, sem meio algum de corrigir e tirar duvidas, atido á minha memoria e aos raros apontamentos que de Portugal trouxe commigo, pois quasi tudo que tenho mandado vir me tem sido roubado nos correios. Pode ser mesmo que me engane, resalva-se essa hypothese por amor da verdade, mas não engano, quando affirmo que foi Chagas o companheiro de Gomes Leal na aventura grotesca do caminho de ferro. Estava eu na redacção do *Seculo*, uma noite, quando entraram os dois. Gomes Leal andava afflicto com a troça, as ironias e as duvidas das gazetas. E foi ao *Seculo* pedir uma confirmação do facto nos termos em que elle o narrava, acompanhada de uma reprimenda nos jornaes que ousavam duvidar. E para provar a veracidade do conto apresentava o adolescente que ia com elle no compartimento do wagon de 1.ª classe. *Quem é este rapazola?* perguntei eu ao Magalhães Lima. *E' um tal João Chagas.*

Se a memoria me não atraiçoa, e continuarei a insistir que confio muito n'ella.

Não sei, digo, se o *tal João Chagas* então *já escrevia* e o que elle escrevia. Mas pela conversa que lhe ouvi na redacção

do *Seculo,* commungava com o poeta da *Traição* no *Ideal.* Eram *correligionarios.* A republica, porem, não veio n'essa epocha. O partido republicano recebia uma onda de adeptos sempre que a especulação ou a ingenuidade publica julgava a republica imminente. Depois a onda voltava ao mar e comquanto se não desfizesse de todo, diminuia consideravelmente de volume e de fragor. A republica não veio n'essa epocha. E Chagas apparecia em 1887, quando as inscripções attingiam um alto valor, quando na apparencia a situação financeira melhorava, declinando o sol da republica a ponto dos proprios chefes republicanos se quererem passar para a *Esquerda Dynastica,* e Chagas apparecia menino do coro e trintanario, a pegar na redea do cavallo do rei D. Luiz e a escrever dithyrambos em prosa em honra... do *anjo da caridade* [1].

Verdadeiro aventureiro, mesmo o typo classico d'uma raça que já ia desapparecendo, o aventureiro politico romanesco e elegante, Chagas tentava fortuna.

. . . .

E' então que vem o *ultimatum.* E Chagas, quer por despeito, quer por interesse, quer porque, emfim, houvesse chegado o instante do seu especial temperamento d'aventureiro politico se manifestar, lançou-se de cabeça na questão.

Nunca foi um *democrata.* Nem eu conheci no partido repucano quem tivesse mais desprezo pelo elemento popular. *Homenzinho... mulherzinha...* era como elle se dirigia, se adregava falar-lhes, ao *cidadão* e á *cidadã* das mais infimas classes. Conheci um operario, muito honesto e intelligente, que me contava este caso. Teve uns serviços a fazer na Rua Larga de S. Roque, em Lisboa. Como havia alli o Café Tavares, duas ou tres vezes entrou n'esse Café, com outro, a tomar qualquer coisa. Chagas, frequentador do Tavares, encarava os homens com olympica superioridade. E um dia disse ao creado, que o contou aos operarios: "Aquelles homens não deviam aqui entrar!„

Nunca foi, nem é, um democrata. Era um mixto de explorador e de romantico. Era um *bon vivant* sem escrupulos, ou, se

---

[1] "...a rainha ia sorridente, guardando na sella do cavallito montanhez esse aprumo, esse donaire que tão admirados são nos salões dos bailes e das recepções. Quando a vi assim, destacando a sua figura soberana na brumosa atmosphera da madrugada, arrostando galhardamente com o vento e a chuva, dissiparam-se em mim rapidamente os desalentos da noite, senti-me alegre, jovial, animoso e mais que nunca decidido a acompanhar essa partida de caça atravez dos alcantis do Gerez. (*Primeiro de Janeiro,* n.º 259 de 16 d'outubro de 1887).

Este era um dos hymnos. Como este, cem outros.

quizerem... *um pulha elegante*. Podemos agora aqui completar a classificação dos pulhas: pulhas reles, pulhas de bem e pulhas elegantes. Representante do pulha reles: o Carlos Trilho ou o França Borges. Analphabetos, malandros e rufios. Representante do pulha de bem: Cabrito Macho, o *Marat Sentina*, capaz de todas as canalhices e infamias, embrulhado na capa de homem sério e sem commetter ostensivamente, de facto, actos indecorosos. Representante do pulha elegante: João Chagas, bastante intelligente para não fazer moeda falsa ou falsificar um cheque, mas vivendo como um principe á custa de todos e de *tudo; souteneur*, que é o rufio e o *maquereau* de boa sociedade; caloteiro despedindo com boas palavras os credores; cynico afagando a virtude e olhando com desprezo a virtude.

O bandido do Santos Cardoso chamou-lhe *escroc* e ladrão do dinheiro dos emigrados e do partido. Não era bem assim. Elle entendia que o partido e todos quantos se associavam com elle em qualquer empreza tinham o dever—justamente o mais assignalado caracteristico do pulha elegante—de lhe pagar a distincção e o merito litterario e politico. Sobretudo a *distincção*. O pulha elegante, genero macho ou genero femea, dá um preço inestimavel á sua distincção. Pôr bem um casaco e umas calças e arrasta-los com elegancia pelas ruas da cidade dá-lhe mais orgulho que possuir a sabedoria de Aristoteles ou a sciencia de Newton. Elle estimaria, o Chagas, que depois de tirar para si a parte do leão, os outros ficassem com o sufficiente para metter gallinha na panella. Não havia lucros para tanto? Não havia mesmo lucros nenhuns? Então que tivessem paciencia. Morreriam de fome, ficariam a pedir esmola; mas emquanto houvesse dinheiro ou meio de o arranjar, elle gastaria, gastaria, gastaria, tanto quanto fosse necessario para manter a sua cathegoria *de principe*. Só exgotados todos os dinheiros e todos os recursos, elle acceitaria a dura necessidade de viver como um escrevente n'um pobre quarto alugado ou n'uma trapeira.

Era este o motivo das suas explorações, tanto aos homens, como ás mulheres. Elle não era bem um *escroc*. Elle não era bem um *souteneur*. Elle era... uma instituição! Uma instituição que honrava a patria, a democracia e quantos tinham a dita... d'estar em contacto com elle. Uma instituição que era preciso manter com *dignidade* e com *prestigio*. Vivia das mulheres? Vivia. Mas não era o vil proposito d'explorar a mulher. Era a necessidade de manter o brilho da instituição. Entre elle e o chulo do França Borges, e o chulo do Carlos Trilho, havia um abysmo.

Eu conheci uma d'essas mulheres. Morava ella n'um réz do

chão do lado occidental da Avenida da Liberdade, entre a Travassa da Gloria, se é esse o seu nome, e a antiga rua das Pretes. Era em 1897, no tempo da *Marselheza*. Ahi se juntava o Madureira, redactor do jornal, o Stockler, administrador da gazeta, e que ficou a gritar *Aqui d'el-rei contra o ladrão do João Chagas*, e outros. O Chagas estava de cama, doente. Eu fui lá visita-lo duas vezes. Não me lembro se algumas d'ellas fui com Bazilio Telles, que andava então a preparar a *sua segunda revolução,* pois a primeira tinha falhado em 1890. Mas lembra-me muito bem que em plena Avenida da Liberdade diziamos um ao outro: "Que vergonha, termos nós ido áquella casa!„

Ora, o que vi eu? Eu vi, precisamente, o culto da *instituição*. Quem mais cultivava o homem não era a amasia. Era a mãe da amasia, uma *matrona* que emprestava dinheiro a juros e que depois andou muito nos jornaes por causa d'uma questão de lettras com uma tal Laura Cardoso, contra quem ella requereu processo judicial, não sei mesmo se mandado de prisão, por crime de burla ou outro equivalente. Essa mulher não sustentava, certamente, o *souteneur*. Ella não via no Chagas o *souteneur*. Ella via no Chagas uma esperança, uma garantia, um rendimento futuro, uma accumulação de capital e juros. Ficou roubada? Não sei. Na occasião não lhe pagou o Chagas, com certeza. Nem elle estava lá para pagar. Elle estava lá... para comer. O Chagas, do seu bolso, não pagou. Nem então, nem depois. Nem ella, repito, velha agiota, conhecedora do mundo e da vida, provavelmente dona de casa de prostituição aposentada, podia esperar do Chagas o pagamento. Mas a republica é natural que tenha pago. Pagou, com certeza. Não a divida do *souteneur*, é claro. Mas a divida... do seu primeiro presidente do conselho de ministros! Do antigo heroe, do antigo martyr, da velha... *instituição!*

E era legitimo. Quem sabe mesmo se a *matrona*, como a Margarida das Flores, chegou a adeantar dinheiro á *Marselheza!* Eu creio que sim, dada a proverbial penuria da gazeta.

Chagas, deitado de costas, queixava-se dos rins. E tudo aquillo, redactores da folha, conspiradores d'officio, amasia, mãe da amasia, se approximava do leito, solícito. Velando pela instituição. Carinhosos, não com o *souteneur*, mas com uma estrella ridente do futuro. Tentando calmar o soffrimento, Stockler com uma laracha, Madureira com uma espirituosa garotice, a amasia com um frasco de pomada e a mãe com um caldo de gallinha.

Essa, *passou*. Mas, como essa, anteriores e posteriores, muitas outras. Actrizes, creadas de servir e dizia-se até... que meretrizes.

Falava-se da ingratidão do Chagas com essas mulheres. Má interpretação, ainda ahi. Chagas, nas horas de penuria, aproveitava-se de tudo quanto apparecia. Princezas, donas de casa de prego, actrizes, creadas de servir e meretrizes. Mas favorecia-o a roda da fortuna, e elle julgava inutil por mais tempo o sacrificio. Não abandonava as creaturas. Poupava-as, *fraternalmente*... ao sacrificio.

Dava-se com o *escroc* o que se dava com o *souteneur*. Chagas podia ter vivido sempre honestamente, se fosse um homem simples. Nas peores epochas, nos tempos de crise, ganharia pela penna, sem esforço, um minimo de cincoenta ou sessenta mil reis por mez. Era pouco. Mas para um homem só, sem familia, viver a coberto de privações, chegava perfeitamente. Um homem modesto. Morigerado, sobrio, simples. Para um principe, era a miseria. Evidentemente! Depois, elle era um mero jornalista, ou era, digamo-lo outra vez, um *nome*, uma *gloria*, uma *pagina brilhante* da republica? D'ahi, a fama mal fundada *d'escroquerie*. Não era um *escroc*. Era um homem que gastava o indispensavel para manter *a sua dignidade e o seu prestigio*. Ou á custa propria, ou á custa dos correligionarios e amigos. E parece que era elle quem estava no campo... da logica e dos principios!

Se não fora assim, como explicar que uma creatura por todos conhecida como *souteneur*, e por tantos accusada d'*escroquerie*, fosse chamada, n'uma situação apertada, embaraçosa, difficilima, a presidir ao primeiro ministerio da republica?

. . . .

O Ideal triumpha. E o Ideal, que levou a todo o paiz e a toda a Europa o descredito de D. Carlos como rei immoral e rei tyrannico, colloca á frente do primeiro ministerio da republica um *souteneur*, um *escroc*, um bilontra e um vadio!

Nunca haverá justiça em Portugal. Mas se ella chega, francamente, não sabemos de castigo correspondente, por mais duro e cruel, a tantos attentados ultrajantes, tantos actos de cynismo, tantos vicios, tanta desvergonha e tantos crimes.

Antes de ser chamado a presidente de conselho de ministros, já o *souteneur* e o *escroc* havia sido brindado com o bello cargo de ministro em Paris. Mas — sempre o mesmo — não partiu para a capital de França sem exigir... um adeantamento! Assim o diziam as proprias gazetas da republica. Um adeantamento!

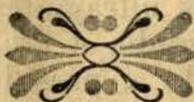
O rei D. Carlos era o rei... dos adeantamentos! Os canalhas do *Mundo* chegavam a pôr á secção dos roubos a epigra-

phe — *Adeantamentos*. Em linguagem republicana já se não dizia *roubar*. Dizia-se... *adeantar-se*. "Adeantou-se hontem com isto ou aquillo Fulano ou Sicrano...„ escrevia o *Mundo*, noticiando varios roubos commettidos em Lisboa. E a primeira coisa que fizeram, logo que chegaram ao poder, foi continuar... o regimen dos adeantamentos!

Miseraveis! Grandes miseraveis! Nem o fogo do inferno, nem o fogo da justiça humana, devorando-os, seria castigo sufficiente para tamanho descaro e infamia.„

Não se pode dizer mais nem melhor.

O passado vergonhoso do patife fica ahi descripto com mão de mestre. A sua psychologia claramente definida. Mas ainda não é tudo e nós voltaremos ao assumpto brevemente.

Ha-de-se metter este mulato na ordem!

Chronica da semana

POR

JOÃO DO AMARAL

O MEU DIARIO

4 de Abril

Dirijo ao snr. Conselheiro José Maria d'Alpoim, este cartão-aberto:

"— Sei que todos os dias V. Ex.a arrasta, nas columnas do *Janeiro*, o seu pensamento fatigado e trôpego. Sou um assiduo leitor da sua prosa. Conheço bem a parte que V. Ex.a tem tomado na obra de perversão e dissolução encetada pela republica em 5 d'outubro de 1910. Desde ha cinco annos que o snr. Conselheiro José Maria d'Alpoim entôa hossanas á volta do regimen, diariamente bajula e lisongeia os seus politicos, nunca arriscando um commentario agreste á sua obra sem logo deslocar o enorme corpanzil n'uma mesura de invertido, tão embeiçado pelas qualidades viris do snr. Affonso Costa, como rendido ás lyricas blandicias do snr. Antonio José d'Almeida. Arrimado aos milhentos exemplares do seu jornal, com radicaes ou dictadores no cimo, V. Ex.a, zeloso funccionario da republica, tem pastoreado a alcateia faminta que desceu a este povoado nacional, lhe arrazou toda a riqueza do espirito e do corpo, tentando ainda hoje ratinhar a ultima, pertinaz, vegetação do seu genio fecundissimo. Eu sou um novo, V. Ex.a um velho. Mas é um velho que, na ante-camara da Morte, não desiste de viver a vida mais escura e tortuosa que ha muitos annos tem passado na politica portugueza. E quando penso que descendentes seus hão-de córar de o terem tido por avô, eu sinto mais profunda a desdenhosa piedade que me inspira.

— Releio agora o que ha dias escreveu n'uma carta do *Janeiro* sobre o *Integralismo lusitano*. Deveria ser interessante uma conversa politica travada, sobre o assumpto, entre duas creaturas que tão distantemente

existem n'este apertado cantinho do planeta, — entre V. Ex.ª, cincoentão alquebrado pela gotta, devoto impertinente da Liberdade e da Democracia, e o obscuro defensor que eu sou da Monarchia Tradiccional e do poder pessoal dos Reis. Pesa-me até que a franqueza brutal com que uso discorrer sobre a personalidade de V. Ex.ª, lhe sirva de flácido pretexto para excusar-se a este claro desafio...

De resto, a lamentavel ignorancia que V. Ex.ª revelou nas poucas referencias que fez ao *Integralismo lusitano* só pode ser comparada á sua lamentavel gordura e ao ainda mais lamentavel impudor com que ousa versar assumptos de que não percebe. Só assim se explica a viciosa confusão que V. Ex.ª faz entre absolutismo e miguelismo, entre a Monarchia absoluta do Marquez de Pombal (que o snr. Alpoim decerto venera) e a Monarchia representativa que o dr. Gama e Castro defendeu.

Estou certo, porém, de que seria mais facil fazer que um cerdo olhasse a direito para o sol, do que obrigar V. Ex.ª a afogar a sua visão nas claras verdades do nosso tempo. Resta-me a consolação, snr. conselheiro, de que já lhe não sobejam annos para causar á nossa terra um mal peor do que esse que tem feito. Depois, cá ficaremos nós, os *mocinhos*, p'ra lavar o logar que V. Ex.ª infectou, e aquelle que porventura ainda infectem o volume do seu cadaver e a chaga da sua memoria».

5 de Abril

A vida religiosa de Coimbra foi, durante a semana que findou, d'uma intensidade quasi febril. Quinta-feira Maior, uma cobra de gente escorregou pelas ruas da cidade, na visita ritual das sete egrejas; sexta-feira da Paixão, a mesma turba immensa mergulhou na penumbra dulcissima das naves e assistiu, com a piedade contricta d'algum tempo, ao remember das horas que Jesus viveu, desde a sua prisão no Horto á ultima das sete palavras que disse antes da Morte. No sabbado, a mesma gente ouviu os canticos da Alleluia e celebrou o mysterio pleno da ressurreição. Povo humilde, homens a quem os altos vôos do pensamento não perturbam, mulheres de fina stirpe e com estofos caros sobre as bellezas rythmicas do busto, ou outras pobres moças que o peccado da carne vestiu de Magdalenas, — todos foram buscar animo contra as vaidosas mentiras da vida n'esse formidavel poema de amor e de humildade.

O exercicio do culto não teve impedimentos; e o commentario politico d'esse facto, deu-m'o uma velha enternecida, n'estes termos: «a modos que já cá temos a Monarchia, snr. dr....»

Desajudados d'outro meio de conhecimento que não sejam os dados immediatos da sua observação e as mais proximas conquistas da sua sensibilidade, esta velha e outros puros representantes do vulgo popular ingenuamente vêem na dictadura que hoje nos governa o primeiro beneficio da Monarchia restaurada. A republica é, para elles, a forçada clausura da vida espiritual a que se arrimam no recesso do seu incerto pensamento. Pelo contrario, a Monarquia, cuja tradição dormita no seu sangue e cuja presença poderam mesmo admirar, representa a plena communhão d'uma commum riqueza religiosa, a unica, a par do Sol, que lhes foi distribuida n'este parcimonioso banquete da existencia. Portanto, em face da relativa liberdade que lhes deram, facilmente concluem que é finda a aventura democratica e que o Rei já chegou sem ser falado...

Ninguem pode extranhar tão simples raciocinios Áparte a pequena minoria de lettrados que pela intelligencia, pelo estudo e por deseguaes circumstancias da sorte e da fortuna, conquistaram uma franca autonomia intellectual, fazendo voar pr'a álem do dia d'hoje a sua visão educada,—o resto, a maioria do paiz, sente apenas os interesses, as paixões, os sentimentos que o solicitam no tempo presente; na vida do pensamento como na vida material ella vive simplesmente ao *jour le jour*; a certeza immediata que hoje desperta no seu espirito uma sympathia ou um interesse, é bastante para encher o acanhado espaço da sua razão e da sua consciencia: o futuro a Deus pertence, e a sua fraqueza confessada por esta fórma, cerra os olhos para uma visão previdente das horas que o renovo incessante do tempo ha-de trazer.

A doutrina politica que subordina a regencia d'uma Nação ao voto d'esta maioria, consequentemente sujeita a sua vida futura ao capricho d'um momento; se n'esse momento a vontade mal allumiada da maioria resolver suicidar-se, alienar a independencia nacional, a Nação deverá morrer e morrerá sem duvida. Mas na assembleia, Parlamento ou o quer que seja, onde essa louca phantasia se votar, não foram consultados todos aquelles a quem ella interessava. Votaram-na decerto alguns milhões de vivos, toda a população existente n'essa hora sobre a terra nacional; e creio bem que o voto dos presentes tenha sido inspirado pela sua livre vontade e por uma clara concepção do seu interesse immediato. Mas a Patria não é obra dos que *existem*, nem foi feita sómente para os que *existem;* e o interesse da Patria não é, não pode ser, portanto, o interesse d'uma população cuja vida está para a vida da Nação como uma conta

está para um rosario e como um momento para a Eternidade. Sendo a Patria o claustro-pleno dos mortos, dos vivos e dos nascituros, o seu interesse tem de representar tambem a somma dos interesses creados, dos interesses presentes e dos interesses futuros. O patrimonio que o esforço do passado nos ganhou, não temos nós o direito de administrál-o conforme as necessidades e caprichos da nossa sensibilidade, mas segundo a regra segura que os mortos nos deixaram e n'uma previdente harmonia com as necessidades fundamentaes dos que hão-de vir depois.

Quero eu dizer que a maioria do paiz se sente bem com o governo actual.

Dar-lhe-ha o seu voto, o seu applauso, murmurando como a velhota a que alludi: "a modos que ja cá temos a Monarchia...», até chegar o ensejo em que, mercê d'uma combinação parlamentar, d'uma manobra eleitoral ou de qualquer das mil e uma surprezas em que é fertil este regimen de incertezas que nos rege, novamente os radicaes cavalguem a torre do commando; n'esse dia, *dies irae, dies illa,* não ficará pedra sobre pedra do que hoje se tem feito; será preciso recomeçar; motins, prisões em massa, o mesmo desenfreado banditismo que soffremos. Depois... depois, os senhores do exercito, sentindo perturbada a sua carreira burocratica, novamente entregarão suas espadas rutilantes; e assim por deante, até que a Hespanha queira dar um fim glorioso a esta ignobil pantomima; mas, n'este caso, eu saberei poupar-me o desgosto de assistir ao epilogo da peça.

8 de Abril

A *Capital* referia-se ha dias, em artigo do fundo, ao *criterio conservador* formulado na *Liga Naval* por um grupo notavel de estudiosos, entre os quaes avultam, como é sabido, os meus illustres camaradas da *Nação Portugueza*, drs. Hypolito Raposo, Antonio de Monforte, José Pequito Rebello, Alberto Monsaraz, Xavier Cordeiro e Alfredo Pimenta. As referencias da *Capital* não eram bem um commentario, uma analyse, das conclusões d'ordem social e politica em que se baseia o criterio dos conservadores da *Liga Naval.* Visava apenas a lembrar que, a par d'esse criterio conservador, deveriam os bons republicanos formular e gritar ao paiz o seu *criterio democratico.*

Supponho que o jornalista da *Capital* não pretende oppôr ás affirmações de pessoas com a cathegoria intellectual das que citei, as affir-

mações contrarias de qualquer Urbano Rodrigues ou Antonio José d'Almeida; o seu pensamento deve ser outro, deve certamente referir-se a uma elaboração superior de doutrinarismo democratico por parte dos mentôres da ideia republicana. Se é assim como supponho, d'aqui convido a gazeta lisbonense a insistir no seu conselho, encarregando-se ella propria de promover e convocar a assembleia dos intellectuaes avançados a quem compita o encargo formidavel de justificar com a força do direito e da razão a existencia d'um systhema politico que até á hora em que escrevo só tem podido vencer-nos pelo direito da sua força e pela sem-razão das suas violencias. Mas não! a *Capital* não insiste mais no seu conselho e decerto reconhece a impossibilidade de reunir, com esse fim, meia duzia de sujeitos que tragam o cerebro arejado pelo forte sôpro de renascença espiritual que ora faz tremer o mundo todo.

Por emquanto, só sei de um criterio democratico formulado com logica e vigor: estabeleceu-o, na Figueira da Foz, o congresso do P. R. P., orientado superiormente por um homem que eu persisto em considerar quasi respeitosamente, pesando as suas qualidades e os seus defeitos, como a unica individualidade marcante da politica republicana, como a propria e bem digna incarnação dos principios que defende.

Proclamando, na ordem religiosa — a mantença integral da Lei de Separação; na ordem economica — o imposto global progressivo sobre o rendimento; na ordem politica — a abolição da segunda camara e a restricção cada vez maior das funcções presidenciaes, esse congresso do partido republicano portuguez foi logico e tornou-se mais merecedor da minha consideração intellectual do que todos esses troca-tintas do camachismo e do almeidismo, para quem a republica já não é uma ideia politica com significação e valor doutrinario, mas um facto, um simples facto cuja indiscutivel realidade elles pretendem harmonisar, a preço de vis transigencias, com as suas necessidades physiologicas de famintos, com a sua preguiça de cobardes, com os preconceitos d'uma educação *arriérée* que elles, os homens do progresso indefinido, não ousam repudiar completamente.

João do Amaral

Questões Internacionaes

POR

G. JEAN AUBRY

Um amador de arte

Os Zeppelins vieram visitar Paris. Ha tanto tempo que estes senhores estavam para vir que já ninguem acreditava que viessem. Mas vieram e foram recebidos com as honras devidas á sua alta situação, até com algumas salvas de artilharia destinadas a livrar a população parisiense da presença de tão importantes personagens.

O povo de Paris fez-lhes o mais caloroso acolhimento e manifestou por elles o maior interesse. E apesar de ser bastante incorrecto fazer uma primeira visita de cerimonia depois da meia noite, os parisienses levantaram-se cortezmente e desceram á rua, ou, pelo menos vieram contemplar das janellas o brilhante fogo de artificio que o governo militar de Paris teve a feliz ideia de mandar deitar em honra dos illustres visitantes.

Tendo-se provavelmente enganado na data da sua chegada a Paris, os senhores Zeppelins lançaram á população parisiense alguns *Ovos da Paschoa* (é assim que elles proprios lhes chamam) cuja succulencia deixava um pouco a desejar; mas dada a situação alimentar da Allemanha, comprehende-se que, para este fim, ella tenha substituido o assucar e o chocolate pela metralha.

Os parisienses acharam a graça um pouco pesada, embora quasi inoffensiva, e não obstante um rigoroso serviço de ordem e as instrucções da policia para que se fizesse a mais absoluta escuridão afim de pôr bem em foco os respeitaveis visitantes, as ruas encheram-se de gente, as janellas abriram-se de par em par e os snrs. Zeppelins Irmãos, certamente pouco

habituados a estas manifestações retomaram rapidamente o caminho dos seus domicilios.

Os Parisienses, acostumados á vida de sociedade, extranharam esta falta de educação, rindo-se da timidez dos pançudos personagens ignorantes das coisas do espirito e das convenções mundanas. Emfim, foi um successo, ao contrario do que aquelles senhores esperavam, um successo de ridiculo que os comprometteu para sempre porque Paris perdoa todos os defeitos menos esse. Se voltarem agora serão mal recebidos com certeza, como foram já na segunda visita que nos fizeram; ninguem se incommodou, deixando-se á policia o cuidado de receber os cavalheiros malcreados; toda a gente dormiu a somno solto.

Senhor Conde Zeppelin, de nada valeu que o Kaiser o fizesse principe; os seus filhos não teem beneficiado do contacto da côrte!

No dia immediato á visita dos Zeppelins, muitas pessoas perguntavam a si proprias a razão d'esta visita ha tanto tempo esperada. O inverno é realmente uma estação pouco propicia ás viagens longas para estes senhores ventrudos e facilmente sujeitos a congestões. Comprehende-se portanto que não viessem em pleno inverno. Mas a primavera já tinha começado ha muito, durante a ultima semana tinha estado um tempo explendido e não era preciso esperar tanto para vir até Paris. Os francezes, como os athenienses da boa epocha, são ricos de imaginação e de palavra facil, de forma que durante dois dias não se pensou nem se falou n'outro assumpto; Mil hypotheses foram aventadas, havendo quem dissesse que, correndo mal os negocios com a Russia, em Berlim se decidira enviar até Paris os zeppelins para distrahir a attenção da Europa; outros pensando que o motivo da aventurosa viagem era simplesmente a inveja que despertara entre os senhores zeppelins o exito alcançado pelos elephantes de Hagenbeck ao serviço do exercito allemão.

O Kaiser, que gosta de pôr legendas picantes por cima dos seus desejos, deu-nos a chave do enygma: «para responder efficazmente ao bombardeamento da cidade aberta de Schlestadt pelos aviadores francezes, os Zeppelins bombardearam com bombas de grosso calibre a fortaleza de Paris e a bifurcação de Compiègne».

Ora todo o mundo sabe que os aviadores francezes receberam a ordem, rigorosamente executada, de só visar os pontos estrategicos. Ha mesmo um certo numero de francezes, numero a que eu pertenço, que acha excessiva esta moderação e entendem que algumas bombas bem lançadas teriam o bom resultado de dar ás populações allemãs uma ideia nitida da guerra que faz o seu paiz. Mas prefere-se, e esta opinião é

admissivel, continuar a respeitar rigorosamente o direito das gentes. Entretanto o communicado imperial tenta uma vez mais abusar da boa fé universal e responde ao bombardeamento de Schlestadt, pequena cidade da Alsacia, com o bombardeamento da *fortaleza* de Paris.

A palavra *fortaleza* toma no communicado allemão uma significação particularmente notavel. O Kaiser pretende assim defender-se, sem o conseguir, de ter querido bombardear Paris e declara não ter querido destruir senão os fortes da capital.

Como se comprehende então que os Zeppelins tentassem lançar projecteis quasi no centro de Paris? A verdade é que se não passaram dos boulevards exteriores não foi por falta de vontade e tudo leva a crer que a *fortaleza* para elles era tanto o *Mont Valérien* como o Arco de Triumpho, a Torre Eiffel ou o *Sacré Coeur.*

Mas porque motivo, dir-me-hão, dá o Kaiser tanta importancia a Schlestadt, pequena cidade sem grande notoriedade, a ponto de não se contentar, como compensação, senão com o bombardeamento de Paris? *Felix qui pouit cognoscere causas,* dizia o poeta latino. A explicação é-nos fornecida pelo seguinte telegramma publicado ha dias nos jornaes: «O Kaiser, em virtude das tentativas francezas fez transportar para Berlim os quadros que se encontravam ha annos no castello de Koenigsburg, perto de Schlestadt.»

Agora tudo se comprehende. O quê!? exclamou o Kaiser, os energumenos francezes pretendem apoderar-se das minhas collecções? As minhas obras de arte haviam de cahir nas mãos d'esta nação em decadencia? Famosa audacia! Pensar em atacar um amador de arte como eu! E precipitando-se para a campainha imperial do telephone imperial, o imperial amador gritou ao conde Zeppelin, recentemente feito principe: «Mande já a Paris quatro dos seus couraçados aereos bombardear o Louvre, Notre Dame, a Santa Capella, o Arco de Triumpho, a Columna Vendôme, o Panthéon, o Sacré-Coeur e mesmo o Elyseu. Quero fazer vêr aos francezes o que custa atacar um amador de arte.»

E eis porque recebemos a visita dos Zeppelins. Simplesmente em França tambem ha amadores de arte e quiz a má estrella do imperial colleccionador que n'aquella noite elles estivessem vigilantes junto dos projectores e das baterias do Mont-Valérien, da Torre Eiffel e das outras eminencias.

G. Jean-Aubry

Cartas de Longe

POR

HOMEM CHRISTO

Instrucção Publica

Vimos o que os alumnos destinados aos cursos scientificos estudam de historia em Portugal. Em França, não sei se já o dissémos, não é precisamente o mesmo, tambem, para todos os cursos, o estudo da historia. Com a guerra, vae na correspondencia uma grande trapalhada. Uma carta leva cinco dias a chegar d'aqui a Portugal. Com quatro dias para cá, são nove dias, pelo menos, ida e volta. Isto é, as cartas não levam tanto tempo a ir e chegar. Mas são retidas no correio á ida e á volta, o que dá o mesmo resultado. De forma que não pude ainda ler nem o primeiro, sequer, d'estes artigos, na *Ideia Nacional*. E' possivel que tenha escapado alguma omissão ou algum erro, que não deixarei de corrigir se se tiver dado esse caso.

Não é, pois, o ensino preparatorio da historia o mesmo para todos os cursos. Os alumnos da secção latim-grego, por exemplo, os que se destinam á faculdade de lettras, estudam mais historia que os outros. Após o exame da primeira parte do bacharelado, os alumnos de philosophia profundam mais historia que os de mathematica. Mas o ponto essencial, e n'isso é que eu venho insistindo, é que ninguem deixa de a estudar *desde o primeiro até ao ultimo anno preparatorio*. Mas ha uma cadeira *commum*, abrangendo materia *vastissima*, desde a primeira até á setima classe, dando o nome de setima á que se denomina aqui *philosophia e mathematica*.

Qualquer verifica isto facilmente lendo um simples catalogo. O primeiro volume de Malet — *L'Antiquité* — é para a classe de sixième A e B. Ora A e B são, já o dissémos, as duas grandes divisões do primeiro cyclo.

Logo *sixiéme A e B* é... tudo. O segundo volume, *Le Moyen Age et le Commencement des Temps Modernes,* é para a classe de *cinquième* A e B. O terceiro volume, *Les Temps Modernes,* é para a classe de *quatrième* A e B. O quarto volume, *L'Epoque Contemporaine,* é para a classe de *tronième* A e B. Portanto, toda a materia d'esses volumes, redigidos em harmonia com os programmas officiaes, é commum a *todos os cursos* do primeiro cyclo.

Vejamos agora o segundo cyclo. O quinto volume, *Histoire Moderne,* é para a classe de *seconde,* isto é, para as quatro secções da classe de *seconde.* O sexto volume, *Dix-huitième Siècle, Révolution et Empire,* é para a classe de *première,* isto é, para as quatro secções da classe de *première.* Emfim, os dois ultimos volumes, *Dix-neuvième Siècle,* são para as classes de *philosophie* e *mathématique.*

Um outro curso de historia afamado é o de Gourraigne. Ora lá vem tambem indicado o destino de cada um dos volumes. Primeiro volume, *Le Moyen âge et le commencement des temps modernes* (*Classes de de cinquième A e B*). Segundo volume, *Les temps modernes* (*Classes de quatrième A e B).* Terceiro volume, *L'Époque contemporaine* (*Classes de Troisième A e B*). Quarto volume, *Histoire Moderne (Classes de seconde).* Quinto volume, *Histoire Moderne (Classes de première A, B, C, D*). Sexto volume, *Histoire contemporaine de 1815 à 1889 (Classes de Philosophie et Mathématiques).*

Qualquer d'estes cursos, estudado, não esquecer, *por todos os alumnos,* seja qual for a sua divisão ou secção, é um tratado completo de historia. Quem o estudar bem, *sabe historia.*

Pode-se reparar n'uma certa duplicação de materia. Ha historia moderna e historia contemporanea no primeiro e no segundo cyclo. Explica-se facilmente. Nos proprios prospectos dos lyceus se lê: «*les études du premier cycle forment un tout, pronvant se suffire à lui-même, et permettant à l'élève d'entrer dans une carrière active, dès l'âge de quinze à seize ans*». Quer dizer, ha quem estude só o primeiro cyclo, como entre nós ha quem estude só o curso geral. Ora n'esses casos, e constituindo os estudos do primeiro cyclo *um todo,* não podiam estes deixar de abranger o conhecimento geral da historia. Eis porque se encontra logo no primeiro cyclo a historia contemporanea e a historia moderna. Quem não quer ou não pode passar do primeiro cyclo fica com noções geraes da historia. Quem passa para o segundo cyclo, profunda a historia da edade media, a historia moderna e a historia contemporanea. Por isso mesmo, os livros que tratam esta parte da historia no segundo cyclo, são mais desenvolvidos que os livros dedicados ao mesmo assumpto no primeiro.

Entre nós tambem houve o proposito das generalidades no curso geral. Mas alem de se resumir até ao ridiculo, isto é, até ao ponto *de não se ficar sabendo nada*, a isso se limitou a instrucção da maior parte dos alumnos. Em França, não só o estudo da historia no primeiro cyclo é muito mais desenvolvido do que em Portugal, como a lei o destinou exclusivamente aos alumnos que terminassem ahi *toda* a sua instrucção. *Os estudos do primeiro cyclo*, traduzamos agora o que atrás já ficou transcripto em francês, *formam um todo, completando-se por si proprio,* e *dando ao alumno a instrucção precisa para entrar n'uma carreira activa desde os 15 ou 16 annos.* Que carreira é esta? A do official do exercito? A do engenheiro? A do medico? Não. A do caixeiro. A do hortelão ou sapateiro, pois com a protecção que a lei concede em França aos menores, o trabalho começa n'uma edade relativamente adeantada. Donde se vê novamente que os homens das classes trabalhadoras sabem em França mais historia que os homens dos cursos scientificos na nossa terra malaventurada.

Grande vergonha!

O famoso relatorio da famosa reforma decretada em 1905 começa por estas palavras memoraveis, que bastam para mostrar a abjecção da nossa mentalidade:

«Os votos dos entendidos em materia de instrucção secundaria, as constantes reclamações dos paes e tutores dos alumnos dos nossos lyceus, os ditames da justiça e os interesses nacionaes não podem continuar por mais tempo sem uma satisfação.

«A reforma da instrucção secundaria, que ha annos vigora em Portugal, representa uma reacção legitima contra a desorganisação a que tinha chegado o nosso ensino secundario; e, hoje que os estudos pedagogicos se generalisam entre nós, a ninguem é licito negar-lhe os merecimentos. Effectivamente, a reforma, coordenando as disciplinas pelo systema de classes, reorganisando fundamentalmente os programmas e imprimindo ao ensino uma orientação nova, veiu approximar-nos das nações cultas que mais se preoccupam com as questões do ensino.

«E todavia essa reforma, não obstante marcar um grande progresso pedagogico, é hoje unanimamente reconhecido que carece de aturada revisão. Manifestaram-se n'esse sentido todos os conselhos dos lyceus, a quasi totalidade dos presidentes dos jurys dos exames de sahida, os reitores dos principaes lyceus, duas commissões nomeadas para estudar o regimen vigente e, por mais de uma vez, o Conselho Superior da Instrucção Publica, que ora procede a essa revisão.

«E, se quizermos avaliar da sua urgencia pelo estado dos espiritos, manifestado no orgão mais sensivel da opinião, deveremos notar que nunca em Portugal a imprensa se occupou com tanta insistencia e se revelou tão impaciente em questões d'instrucção secundaria.»

Foi, pois, pelos *votos dos entendidos em materia d'instrucção secundaria*, foi, pois, pelas *constantes reclamações dos paes e tutores dos alumnos*, dos conselhos dos lyceus, da *quasi totalidade* dos presidentes dos jurys dos exames de sahida, dos reitores dos *principaes lyceus*, de duas commissões nomeadas para estudar o regimen anterior, e do Conselho Superior da Instrucção Publica, (vá lettra grande em obediencia ao original mas sem deixar de lembrar que n'esse paiz passou tudo a escrever-se com lettra grande desde que tudo se tornou anão e myope), que os engenheiros, os medicos, os officiaes do exercito, os bachareis em philosophia e mathematica, passaram a não estudar latim, nem historia, nem a propria lingua portugueza.

Quem poderia imaginar tão ignominioso epitaphio para a intelligencia e para a cultura nacional? E o que se ha d'esperar d'um povo com essa mentalidade?

Os ditames da justiça e os *interesses nacionaes*, clamava o ministro que não teve pejo d'assignar aquelle indecente relatorio, *não podem continuar por mais tempo sem uma satisfação.*

Isto é genuinamente portuguez. Porque se não fosse portuguez seria troça!

E a outra nota interessantissima de que nunca em Portugal a imprensa se occupou com tanta insistencia e se revelou tão intransigente em questões d'instrucção secundaria! A pobre imprensa já andava derreada d'estupidez e desvergonha. Mas faltava-lhe a marca a fogo em documento official.

E atrevem-se a falar da França! E ousam accusar a França! Gourraigne, auctor já citado, tem um grosso volume que se intitula *Cours d'Histoire Contemporaine*, adoptado na Escola Militar de Saint-Cyr. Eu não conheço a organisação dos estudos d'esta escola. Vou agora lê-lo, por curiosidade. Mas o que se vê immediatamente é que existe em Saint-Cyr, pelo menos, um curso de historia contemporanea. Porquê? Porque os alumnos da Escola são obrigados apenas ao exame da 1.ª parte do *baccalauréat?* Geralmente, para terem a preferencia, os candidatos á Escola de Saint-Cyr apresentam certidão do exame completo do *baccalauréat*. Todavia, a lei diz que elles serão obrigados a apresentar

pelo menos exame da 1.ª parte. Ora é justamente entre a 1.ª e a 2.ª parte do exame do *baccalauréat*, nas classes de philosophia e mathematica, que se ensina historia contemporanea nos lyceus. De maneira que eu creio, e certamente não é outra coisa, que o curso de historia contemporanea na Escola de Saint-Cyr, tem por fim supprir a deficiencia dos conhecimentos historicos d'aquelles dos alumnos que não fizeram exame da 2.ª parte do *baccalauréat*. Vejam até onde chega aqui, no que toca ao ensino da historia, a exigencia!

Mas não é tudo. Como não seria regular que esses alumnos assistissem á aula de historia e outros não, supponho que é isto, e como muitos d'elles teem exame da 2.ª parte do *baccalauréat*, o curso de historia contemporanea, a avaliar pelo tratado de Gourraigne, é muito mais desenvolvido em Saint-Cyr que nos lyceus. De qualquer forma, o que é positivo, e o que importa ao nosso caso, é que os officiaes de infanteria e cavallaria do exercito francez, depois de terem estudado historia desde o primeiro até ao ultimo anno dos lyceus, e historia desenvolvida, ainda continuam a estuda-la na escola militar!

Foi a França que ensinou os paes e tutores dos alumnos portuguezes, os conselhos dos nossos lyceus, os presidentes dos jurys d'exame, os jornalistas, *tutti quanti*, a tornar o ensino da historia uma coisa miseravel em Portugal?

Foi ella que rebaixou, degradou, anarchisou o nosso ensino secundario? Foi ella que tornou abjecta a nossa mentalidade? Então porque lhe assacam, cheios de rancor, de vil rancor, a culpa da nossa demagogia, rancor que vae até ao desejo ardente de a verem esmagada?

Já dissémos n'um artigo anterior que o latim domina tres das secções do 2.º cyclo dos lyceus francezes. Só em uma não é estudado. Já dissémos que mesmo n'essa secção será restabelecido em pouco tempo, tamanha é n'esse sentido a corrente da opinião publica. Ainda ha poucos dias uma franceza, uma rapariga de vinte annos, musica distinctissima, pianista primorosa, notavelmente intelligente, me dizia:

—Falta-me o tempo e a saude, ando cançado, muitas coisas me absorvem o espirito e, comtudo, precisava d'apprender latim.

—Latim?!

—Sim, latim. De que se admira? Bem sabe que não posso escrever bem francez sem saber latim.

Não julguem que, em mulher, é um caso isolado. As francezas teem muitos encantos. Mas a sua intelligencia viva e a sua cultura é, sem duvida, o maior dos seus encantos.

Foi a França que ensinou os paes e tutores dos alumnos portuguezes, os conselhos dos nossos lyceus, os presidentes dos jurys d'exame, os jornalistas, toda a sucia, Deus me perdôe, a tornar o latim irrisorio para os chamados cursos scientificos, e a reduzil-o a quatro annos para os bachareis em direito e em lettras? Quatro annos, quando nações com outros methodos d'ensino, com outra disciplina social e academica, com outra preparação mental, com outros habitos d'estudo em mestres e discipulos, com mais rigorosa selecção no professorado, acham pouco sete annos!

No já celebrado relatorio, documento que ha-de ficar como a synthese mais perfeita da nossa decadencia intellectual n'este periodo miserando, lêem-se mais estas palavras:

«Não se queixem, porem, os defensores da formosa lingua latina. Se lhe consagramos quatro annos apenas, reservamos-lhe as classes em que os alumnos se encontram mais desenvolvidos e por isso mais aptos para aprenderem e lhe aproveitarem a influencia educativa».

Sophistas reles! Hypocritas! Tartufos! E é isto quem fala da superficialidade da França, da sua *ligeireza*, com petulante arreganho!

Tambem já dissémos, falando dos lyceus d'aqui, que na divisão do 1.º cyclo e secção do 2.º onde o latim não existe, em compensação o ensino do francez é mais desenvolvido. Eis o que, textualmente, se lê n'um dos varios programmas de lyceu que tenho deante de mim:

Les élèves, à l'issue des classes élémentaires des Lycées (instrucção primaria) *ou à leur sortie de l'école primaire, ont le choix entre deux divisions.*

Dans l'une (division A), sont enseignées, indépendamment des matières communes aux deux divisions, le latin, á titre obligatoire dès la première année (classe de 6me), le grec, à titre facultatif à partir de la troisième année (classe de 4me).

Dans l'autre (division B) qui ne comporte ni l'enseignement du latin, ni celui du grec, **plus de développement est donné á l'enseignement du français,** *des sciences, du dessin, etc.*

Foi a França que ensinou os paes e tutores dos alumnos portuguezes, os conselhos dos nossos lyceus, os presidentes dos jurys d'exame, os jornalistas, o famoso Conselho Superior de Instrucção Publica (siga o escarneo da lettra grande), e em nome dos *ditames da justiça e dos interesses nacionaes* **que não podiam continuar por mais tempo sem uma satisfação**, a limitar o ensino do portuguez para engenheiros, medicos, officiaes do exercito, bachareis em philosophia e mathema-

tica, e é este o mais monstruoso attentado da nossa reforma d'ensino secundario, aos cinco primeiros annos do curso dos lyceus?

Foi a França, ou foi a estupidez, a falta de consciencia e probidade, em que essa pobre terra, que parece maldita por Deus, se afunda ha tantos annos?

Foi a França, ou foram paes e tutores que queriam que os meninos *passassem*, ou foram professores e reitores que se não queriam *maçar*, ou foram jornaliqueiros, politiqueiros, que acima dos interesses do paiz, de que ninguem fez, nem faz caso, puseram sempre as conveniencias dos corrilhos e os interesses eleitoraes?

Emmudecei n'essa gritaria contra a França, enguli esse venenoso rancor, que são os que mais gritam a quem incumbe, na pavorosa anarchia em que cahiu essa patria infeliz, maior responsabilidade.

Nunca esses conheceram as virtudes, as bellas instituições, os bons costumes, o que ha de solido e são n'esta França, apesar de tudo gloriosa. O que elles conheceram, exclusivamente, todos elles, desde o mais conservador até ao mais demagogo, foram os canos d'exgotto de Paris, e foi essa lama fedorenta que levaram, como oiro de lei, para o desditoso Portugal.

Homem Christo

Nota da Redacção — Já depois de estar na machina este numero d'*A Ideia Nacional* damos por um lamentavel engano de que pedimos desculpa tanto ao auctor como aos leitores d'estes artigos: o artigo que acima vae publicado é a continuação de outro, em nosso poder, que devia ter sahido n'este numero; o redactor encarregado de dar os originaes á typographia enganou-se e deu o que ahi fica em logar d'aquelle que publicaremos no proximo sabbado e que é anterior a este.

Factos e Criticas

A IDEIA NACIONAL publicará no seu n.º 10, a sahir no proximo sabbado 17 do corrente, um artigo sensacional do nosso illustre collaborador e queridissimo amigo Rocha Martins.

Vida religiosa

Ha dias lêmos uma correspondencia de Paris para um grande diario hespanhol sobre este curioso e interessante thema: *a moral está em moda.* E' claro que (o proprio titulo o revela) o auctor da correspondencia não passa de um *blagueur* de talento com largo fundo de sceptico na alma. Todavia o facto que commenta é verdadeiro e não deve passar despercebido a quem haja de ir registando em escorço a revivescencia da tradição religiosa da nação franceza. O tango, essa dança de obscenidade que as vaccarias argentinas exsudaram sobre o corpo lasso e morbido da velha Europa corrupta, é escorraçado. *La Liberté* escreve: — retirem isso! Prohibe-se que a farda do exercito se ostente nos terraços dos cafés entre o colorido suspeito d'uma camada de gente sem cotação moral. E o caso Desclaux ainda suscitá vehementes condemnações d'aquelle arrivismo que foi rota seguida de politicantes *à Caillaux.*

Não são estes, signaes evidentes de que a preoccupação d'um aprefeiçoamento, d'uma regeneração moral domina já o espirito francez, ao contrario do que ha dias aventava a ignorancia pedante d'um escrevedor do *Jornal?*

Dizia este, que a França d'ámanhã será a mesma de hontem. Não o crêmos. A nação passará por cima d'aquelles que, despresando o valoroso esforço dos catholicos, *censuraram* um discurso do bispo de Valence publicado na *Semana religiosa* da sua diocese. A carta-protesto do prelado ao prefeito do Drôme é um documento que *A Ideia Nacional* deve registar; eil-o:

"Os catholicos hão de soffrer quando, ao receberem em toda a diocese a *Semaine Religieuse*, vejam as medidas que se tomam contra o seu Bispo. Queremos a união contra o inimigo commum. E em todas as partes os catholicos occupam a primeira linha da defesa e da caridade nacionaes.

"Foi mal escolhida a hora para os molestar e fazel-os soffrer nas convicções e nos sentimentos que tanto valor e bello ardor lhes dão para a salvação do paiz.

"Nenhum vexame, sem duvida nos impedirá de cumprir, apesar de tudo, alegre e valentemente o nosso dever. Todavia não podemos tolerar que aquelles mesmos a quem desejariamos amar como irmãos se esforcem por contrariar-nos no que é mais grato ao nosso coração: — o amor a Deus, a São Luiz e a Joanna d'Arc„.

Eu, que tenho pela nação gauleza uma admiração ardente de latino, não posso deixar de confessar que factos d'estes, roubam toda a auctoridade aos protestos dos poderosos francezes contra a Allemanha que não deixou circular livremente na Belgica a pastoral do Cardeal Mercier!

Ainda sobre a attitude do Santo Padre Bento XV e sobre as lamentaveis confusões que ella urdiu em cerebros de catholicos, convém aqui dizer que a pouco e pouco ellas se vão dissipando, mercê da acção intelligente dos prelados. Tanto assim, que tendo um jornal de Paris affirmado que um prelado francez, residente em Roma, partira para aquella cidade, encarregado pela Santa Sé de explicar ao clero e aos catholicos de França a attitude do Vaticano—logo o *Osservatore Romano* se apressou a declarar tal noticia sem fundamento; prova clara do quanto em França semelhante explicação é desnecessaria.

E de facto, a attitude do Papa é nitida na sua independencia e amor a todos os seus filhos, como a resposta dada por Bento XV á sociedade *Les Amis de la Belgique* o demonstra. Esta sociedade anda angariando donativos para os belgas, e pediu ao Papa uma esmola. Este enviou logo 500 liras, destinando-as aos soldados belgas feridos que se encontram no hospital de Le Mans.

Tambem pouco antes, Bento XV enviára um donativo importante para os polacos.

Eis um rapido esboço do movimento religioso estrangeiro, com os seus pontos mais culminantes que aliás em nada empanam as diarias conversões ao catholicismo, o fervor religioso sempre crescente, as ceremonias cultuaes que incessantemente se realisam.

E em Portugal? Que se passa no mundo religioso?

Duas questões capitaes o agitam agora. Uma, com repercussão nas espheras do poder, é a do restabelecimento das missões catholicas em Angola que o sr. dr. Souza Monteiro tem discutido brilhantemente na *Revista Colonial* e que é objecto de uma campanha na *Liberdade*.

De facto, esta, é uma questão capital para a nossa vida religiosa mas sobretudo para a vida colonial portugueza. Toda a sua gravidade está no seguinte: a lei de separação de 20 d'abril 1911 no seu art.º 190 declarava que ficavam extinctas ou deviam ser substituidas as missões e egrejas extrangeiras nos nossos territorios coloniaes, sem prejuizo do exacto cumprimento das obrigações assumidas por Portugal em convenções internacionaes. Ora, quer a Conferencia de Berlim de 1885, quer a Conferencia anti-esclavagista de Bruxellas de 1890, quer ainda o nosso Convenio com a Inglaterra de 1891, claramente estipulam que as potencias devem protecção ás missões religiosas, que o direito de celebrar culto e erigir egrejas é livre, como livre é o direito de ensino religioso.

N'estas condições, a lei da separação é simplesmente inexequivel por isso que contradiz a lettra expressa dos tratados e convenções internacionaes a cujo cumprimento Portugal é obrigado.

A isto, que é já uma grave difficuldade, acresce o facto alarmante de que *missões portuguezas* teem sido substituidas por *missões allemãs* e *inglezas* que, logicamente, não podem fazer propaganda e incutir respeito pela influencia portugueza. Isto dá-se por exemplo, no Sul d'Angola e na Zambezia. Veja o leitor o estado a que o anti-clericalismo tem reduzido o nosso poderio colonial: — á miseria... da retirada do Evale! Voltaremos ao assumpto.

A outra questão é a da organisação catholica e da attitude dos crentes perante o problema politico. O caracter d'esta chronica não permitte que n'ella exponhamos o nosso modo de ver, aliaz já sobejamente manifestado na imprensa.

Expliquemos apenas a situação. Os catholicos portuguezes — entre os quaes nenhuma divergencia existe, ao contrario do que vem insinuando um *adhesivo* de Lisboa — querem seguir em tudo as indicações pontificias. Estas impõem-lhes uma neutralidade absoluta em materia politica. Assim, elles reclamam da republica, como ámanhã reclamariam da monarchia, a acceitação e realisação d'um programma minimo de reivindicações dos seus direitos. Estes, porém, teem de applicar-se dentro do existente, seja elle qual fôr, e para o conseguir o Centro Catholico, que já mereceu applauso official do Episcopado, apella para todos os catholicos, monarchicos ou republicanos, visto que a Egreja é superior a questões de regimen.

Esta é, em resumo, a doutrina dos catholicos que d'este modo se encontram entre as duas forças combatentes — republica e monarchia — sem tomarem partido por qualquer d'ellas.

A discussão sobre ella tem ultimamente assomado á imprensa, e durante as suas primeiras phases cumpre-me notar que os partidos da republica ainda não disseram o que pensam, nem os monarchicos, collectivamente, n'um esboço de doutrina, ainda manifestaram a sua opinião.

Eis o estado do problema que se debate, com as eleições á porta... Sabe-se que o Centro Catholico conta valiosissimos elementos no paiz e que irá ás urnas, promettendo para breve um manifesto em que mais precisamente exporá a sua attitude e o seu objecto... Sahirá de tudo isto, a suspirada e verdadeira acção que dará aos portuguezes a força e o poder que devem possuir? Eis uma incognita que me não atrevo a devassar, pela simples razão de que... tenho visto muito e soffrido não poucas desillusões!

Francisco Velloso.

Constituição Ingleza

Estão despertando grande interesse os artigos que sobre a *Constituição Ingleza* tem publicado aqui o nosso querido amigo e eminente jurisconsulto snr. Dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo. Muitas pessoas nos escrevem pedindo a continuação d'esses artigos. Não pode ser tudo d'uma vez. Tenham paciencia. *A Ideia Nacional* tem 32 paginas apenas e não pode augmentar o seu numero emquanto os leitores se não decidirem a fazer d'ella uma propraganda mais intensa, alargando ainda mais a sua tiragem.

Nós fazemos o que pudemos. Ajudem-nos os monarchicos, como devem, pois não é apenas dando á lingua que se consegue restaurar a monarchia. E' preciso trabalhar e ajudar as obras que, como esta, constituem um elemento importante de cultura e podem contribuir para o resurgimento nacional.

Organisação Monarchica

Começou-se emfim a trabalhar activamente na organisação monarchica.

—Em Lisboa está já constituido o Centro Monarchico, com séde na Rua Antonio Maria Cardoso, n.º 20. No proximo dia 15, ás 9 horas da noite, realisa-se a assembleia geral para discussão do regulamento interno e eleição dos corpos gerentes.

—No Porto tambem já está constituida a Commissão Organisadora de que é presidente o nosso prezado correligionario snr. dr. Gaspar de Abreu, vice-presidente o snr. dr. Abilio Pereira Campos e vogaes os snrs. dr. José Taveira de Carvalho, Manuel da Silva Figueiredo, dr. Antonio Jorge Coutinho de Lemos Ferreira, Manuel Joaquim de Oliveira Junior, dr. Barbedo Pinto, Arthur José de Souza, Vicente Pinto de Faria e José Maria Ribeiro da Cunha.

Em nome da Commissão Organisadora enviou o snr. dr. Gaspar de Abreu a Sua Magestade El-Rei a seguinte mensagem:

Meu Senhor

Tenho a subida honra de trazer ao alto conhecimento de Vossa Magestade que está installado n'esta cidade o "Centro Monarchico do Porto„ devido á iniciativa d'uma commissão de devotados partidarios da Causa de Vossa Magestade—que é a Causa sagrada da Patria Portugueza!

Porque se não considera esta commissão de que sou presidente com legitimidade para se constituir em direcção d'esta que em breve será, estou d'isso certo, uma das mais importantes aggremiações politicas do Paiz, attribuiu-se apenas um papel de simples commissão iniciadora, impondo-se a principal missão de promover a immediata inscripção do maior numero de socios que, sem demora, serão convocados para, em assembleia geral, elegerem os corpos gerentes.

E é com a mais viva satisfação que communico a Vossa Magestade que, tendo-se aberto hoje a inscripção dos socios, já é consideravel o numero dos inscriptos, esperando-se que em breve attinja muito maiores proporções, numero que bem corresponde ao grande enthusiasmo que lavra communicativamente nas fileiras da Causa Monarchica.

Mais me cumpre transmittir a Vossa Magestade a deliberação tomada pela Commissão a que presido de se publicar em breve um jornal diario n'esta cidade, de fórma a levar-se a effeito um dos principaes pontos do nosso programma:—a propaganda politica, viva e intensa, que será realisada não só por esse meio, mas tambem por conferencias politicas a iniciar brevemente.

Esperando que Vossa Magestade se digne acolher com a sua regia benevolencia a modesta mas sincera iniciativa d'esta commissão e apresentando da parte dos meus collegas e da minha as nossas respeitosas homenagens de subditos leaes, beijo respeitosamente a mão de Vossa Magestade.

O novo Centro já está funccionando provisoriamente no predio n.º 158 da rua de Santa Catharina, gentilmente cedido pelo nosso dedicado correligionario Manuel Amieiro, esperando a commissão encarregada dos actuaes trabalhos poder muito em breve installar o Centro n'um magnifico palacete do centro da cidade.

Já estão escriptos cerca de mil socios.

—Em Braga deve ter-se realisado hontem, 13, pelas 3 horas da tarde, em casa do nosso illustre correligionario

snr. Visconde do Paço de Nespereira, á rua dos Biscainhos, a reunião dos monarchicos da cidade e concelho de Braga.

Assignaram o convite para esta importante reunião os nomes prestigiosos dos snrs. Arthur de Novaes Villaça, Carlos d'Almeida Braga, Conde de Carcavellos, Domingos José Soares, João Carlos Pereira Lobato d'Azevedo, João Baptista de Souza Macedo Chaves, João Maria da Cunha Barbosa, José Ferreira de Magalhães, José Julio Martins Sequeira, Leopoldo de Souza Machado, Luiz Gonzaga de Assis Teixeira de Magalhães, Manuel Joaquim Peixoto Rego, Visconde do Paço de Nespereira.

—Em Baião realisou-se no passado dia 6 do corrente uma reunião preparatoria para se tratar da organisação d'um centro monarchico local.

Estiveram presentes os snrs. Conselheiro Antonio Cabral, Alberto de Castro, dr. Antonio de Barbosa Cabral, Conego Miranda Mendes, Carlos de Azevedo, Henrique de Azevedo Cabral e dr. Antonio Ferreira Cabral.

A reunião conjuncta dos elementos monarchicos locaes effectuar-se-ha a 25 do corrente, dia em que será eleita a direcção do futuro Centro.

—No districto de Vianna do Castello já estão fundados e installados tres Centros monarchicos.

—Em Penafiel foi resolvida a fundação d'um Centro que será em breve inaugurado, devendo assistir a essa inauguração os snrs. Conselheiros José d'Azevedo Castello Branco, Luiz de Magalhães e dr. Francisco Joaquim Fernandes.

Haja caracter

Estão no correio todos os recibos relativos ás assignaturas do 1.º trimestre (serie de 24 numeros) d'*A Ideia Nacional.*

Tem-nos chegado alguns devolvidos com a nota de "não quer ser assignante", "recusou-se a pagar". Não sabemos até que ponto estas notas são verdadeiras. Vamos averigual-o, usando para isso dos meios seguintes:

Sempre que nos appareça um recibo com esta nota, enviaremos immediatamente um bilhete postal ao nosso assignante perguntando-lhe se é verdade ter-se elle recusado a pagar a sua assignatura. Se a resposta fôr negativa o recibo ser-lhe-ha de novo remettido e teremos que ajustar contas com o correio. Se a resposta fôr affirmativa e como é intoleravel que haja monarchicos tão egoistas que abuzem d'esta fórma da boa-vontade dos seus jornalistas, prejudicando gravemente os interesses de Emprezas que só vivem honestamente do seu trabalho em favor da Causa commum, os assignantes que não devolverem *A Ideia Nacional* e depois se recusarem a satisfazer a importancia da respectiva assignatura, serão informados de que se no praso de oito dias não satisfizerem essa importancia os seus nomes serão publicados n'*A Ideia Nacional.*

Não pode ser d'outra fórma. Não seremos cumplices da falta de caracter que tem sido e é a causa fundamental da ruina d'este povo.

A cobrança de assignaturas só é feita depois de terem sido expedidos *quatro numeros* da *Ideia Nacional.* Quem não quer assignar tem muito tempo para devolver. Quem não devolve paga a sua assignatura. E quem não devolve nem paga prejudica gravemente os nossos interesses e falta a um dever elementar: o nome d'essas pessoas será publicado para que o publico lhe dê o qualificativo que merecem.

Ficamos n'isto.

«Districto de Vianna»

Acompanhando a transcripção de grande parte do artigo do nosso illustre amigo snr. Conselheiro Luiz de Magalhães, publicado no n.º 7 d'esta revista, o nosso prezado collega de Vianna do Castello, *Districto de Vianna,* refere-se n'estes termos á *Ideia Nacional:*

A *Ideia Nacional,* a esplendida revista bi-semanal de Homem Christo, Filho, continua a ser um evidente repositorio de boa doutrina, n'este grave momento historico.

Os seus artigos, firmados por auctoridades, são do mais elevado conceito, e a

sua acção ha-de produzir os effeitos na massa indifferente ou amorpha do paiz.

No seu numero 6, abre com um artigo do illustre estadista Luiz de Magalhães, o espirito superior que é hoje um dos mais devotados dirigentes do grande partido monarchico no paiz.

D'esse artigo, cuja extensão nos impede de reproduzir na integra, aproveitamos estes periodos finaes.

Agradecemos muito penhorados a benevolencia com que nos trata o nosso illustre collega viannense.

Outro mulato

O snr. Henrique de Vasconcellos, aquelle famoso auctor da *Enseada Azul* que depois de ter passado a vida a bajular a Familia Real se passou com armas e bagagens para o partido dos escandalos de que é um dos mais illustres ornamentos, de passagem em Roma fez declarações aos jornaes avançados *Messagero* e *Secolo*.

Entre outras baboseiras disse este inclito varão aos jornalistas italianos que "*a monarchia deixou Portugal sem um exercito verdadeiramente organisado*„.

A este respeito escreve-nos um amigo das Caldas da Rainha pedindonos que façamos a biographia do desavergonhado. Temos o maior prazer em satisfazer o legitimo desejo do nosso correligionario. Mas não lhe parece que dois mulatos para um homem só é muita coisa? Deixe-nos metter o outro na ordem e depois tomaremos conta d'este. Não perde com a demora.

Padre Avelino de Figueiredo

Tivemos ha dias a honra de receber n'esta casa o snr. Padre Avelino de Figueiredo, administrador d'*O Nacional*, antigo preso politico, um dos mais dedicados servidores da causa monarchica que conhecemos, um dos homens que mais heroicamente tem soffrido as perseguições odiosas d'este regimen abjecto.

O snr. Padre Avelino de Figueiredo, que anda em serviço de propaganda d'*O Nacional* tem sido recebido em toda a parte com as attenções que reclamam o seu nome e a sua incomparavel dedicação á Causa.

Tivemos muito prazer em apertar aquella mão viril de estrenuo defensor dos bons principios e fazemos votos sinceros pelo completo exito da sua viagem.

O livro do dia

As sete palavras

Editados n'um elegante volumesinho de 32 paginas recebemos os sete sonetos que a senhora Dona Maria de Carvalho acaba de publicar.

Recebemos e agradecemos porque a sua leitura nos proporcionou uma meia hora deliciosa. Os versos da senhora Dona Maria de Carvalho são impregnados de delicadeza e do melhor espirito christão, e modelar a sua factura.

Não creio haver alguem tão venturoso,
Ou de alma tão serena e resignada,
Que não traga comsigo, insaciada
Sêde febril d'um impossivel goso.

Sêde de Amor, de fé ou de repouso,
De verdade, justiça, ou luz sonhada,
Sêde profunda, immensa, apaixonada,
D'um bem apetecido ou mysterioso.

Quando preso nos braços d'uma cruz,
Enfraquecido e pallido Jesus
Implora: — Tenho sêde! — esse queixume

E' o grito de toda a Humanidade,
Que vibrante de angustia e de anciedade,
No lamento divino se resume.

Por todos os motivos "As Sete Palavras„ é o livro do dia.

Ao DIA

Ao nosso prezado e illustre collega o *Dia* agradecemos a solidariedade com que nos tem honrado na campanha contra o mulato João Chagas e a transcripção que fez do nosso ultimo artigo.

Composto e impresso na Typographia de ANTONIO CONCEIÇÃO ROCHA — Rua de Arnellas — AVEIRO.